

Chefes índios vão para casa

Funai e Polícia Federal acabam com assembléia na selva

Brasília (Sucursal) — Apoiada pela Polícia Federal, a Funai dissolveu, neste fim de semana, a Assembléia de 150 chefes indígenas do Território de Roraima, que há dois dias estavam reunidos em sigilo, sob a supervisão do Conselho Indigenista missionário, com a finalidade de trocarem informações e, juntos, buscarem solução para o problema de invasão de suas terras por fazendeiros da região.

Dizendo estar cumprindo ordens do general Ismarth de Oliveira, presidente do órgão indigenista, o delegado de Roraima, José Carlos Alves, após reunir-se com o bispo de Roraima, D. Aldo Mongiano, e o presidente do Cimi, D. Tomas Balduino, impôs como condição para o prosseguimento da assembléia, a retirada imediata do bispo de Goiás da sede da missão São José, local do encontro. Caso contrário, os índios deveriam retornar às suas aldeias num prazo de 24 horas, o que acabou acontecendo.

Ao chegar a Brasília, D. Tomas Balduino, para quem a "intervenção ameaçadora da Funai configurou uma descabida e insólita ingerência no livre exercício pastoral de uma antiga e conceituada missão religiosa", distribuiu nota oficial do Cimi, onde registra seu protesto pelo ocorrido.

A NOTA

Eis a íntegra da nota do presidente do Conselho Indigenista Missionário, D. Tomas Balduino:

"Sábado último, dia 8, às 14 horas, declarando estar cumprindo ordem telefônica do general Ismarth de Araújo Oliveira, presidente da Fundação Nacional do Índio, o sr. José Carlos Alves, chefe da 10.ª Delegacia Regional da Funai, acompanhado pelo sertanista Sebastião Amâncio e por um agente da Polícia Federal, suspendeu uma importante assembléia de chefes indígenas das tribos Makuxi, Wapixana e Taurepang, que se realizava nas dependências da missão dos padres da Consolata, no rio Surumu, no Território de Roraima, sob a orientação do bispo prelado, D. Aldo Mongiano, auxiliado pela equipe missionária — sacerdotes, religiosos e leigos, — e assessorado pelo Cimi.

Os motivos alegados para a intervenção, foram, de um lado, a presença, naquele local, do presidente e do secretário do Cimi, dom Tomas Balduino e padre Egidio Schwade, e, de outro, o fato de não se ter pedido licença à Funai para a realização da assembléia.

"TRANSTORNOS"

"É fácil imaginar a série de transtornos sobrevindos àquela missão religiosa, bem como aos 140 índios participantes da assembléia. Todos os trabalhos de coordenação do encontro nas diversas tarefas de transportes, acolhida, alojamento, alimentação, estudo, lazer, cuidadosamente conduzidos, até com a colaboração de voluntários vindos de Boa Vista, foram bruscamente interrompidos por essa medida policial. Os índios se viram violentamente frustrados na sua visível esperança e em seu transparente entusiasmo de levar a cabo esse encontro de Tuxauás — acontecimento que, embora raro, é tradicional em sua cultura. Eram 50 Tuxauás e 90 acompanhantes (segundos-tuxauás, secretários, etc), representando cerca de 15 mil índios das três tribos. Eles já haviam feito, no dia 7 inteiro e na manhã do dia 8, o levantamento dos problemas de cada aldeia ali representada. Iam passar, na tarde daquele dia 8, em sessão privativa — só com a presença dos índios — às propostas de solução."

"INSÓLITA INGERÊNCIA"

A intervenção ameaçadora da Funai configurou uma descabida e insólita ingerência no livre exercício pastoral de uma antiga e conceituada missão religiosa que vem realizando com dedicação e lealdade um lúcido esforço de presença eficaz da Igreja junto aos índios do Território de Roraima. Configurou, mais ainda, uma brutal violação dos direitos dos índios de se reunirem para colocar em comum o conhecimento que possuem de sua realidade e procurar assumir juntos os seus problemas mas corajosos que eles mesmos vão descobrindo para solucionar seus problemas, ou pelo menos, atenuar seus sofrimentos.

"Os depoimentos destes Tuxauás, que o Cimi apresentará, oportunamente, à opinião pública, revelam, em linguagem profética, a dramática situação de um povo oprimido que resiste para sobreviver.

"ACORDAMENTO"

"A gravidade dos fatos apresentados por aqueles Tuxauás, explica suficientemente o acordamento da Funai, na tentativa de tapar-lhes a boca e barrar-lhes a união. Com efeito, devido à criminosa inoperância e, quase sempre, conivência da 10.ª Delegacia da Funai, as tribos do norte de Roraima — possivelmente a maior concentração indígena do país — que, de tempos imemoriais, ocuparam aquela região da fronteira com a Venezuela e Guiana, encontram-se hoje praticamente sem terra, com suas



Cento e cinquenta chefes tribais compareceram à reunião indígena de Roraima.

áreas invadidas pelas fazendas de gado. Conforme depoimentos dos Tuxauás, a Funai tomou claramente o partido dos fazendeiros, contra os índios, a ponto de, várias vezes, oferecer e dar arame aos donos das fazendas para estes cercarem e se apropriarem das terras indígenas.

COMODA E OMISSA

"Pois bem, esta mesma Funai que se coloca nesta posição política e economicamente confortável e omissa, revela mais um aspecto de seu rosto, o aspecto policial, impondo-se pelo medo aos tuxauas destas tribos oprimidas, deixando-os ainda mais desconfiados do órgão oficial.

"Estes índios, que sempre souberam reconhecer a dedicação e generosidade de seus missionários, ficaram revoltados com a prepotente decisão alternativa da Funai, a saber, ou a retirada imediata do bispo, presidente do Cimi, daquela casa missionária, ou a dissolução da Assembléia. Tendo o bispo recusado, por inconstitucional, a proposta de retirar-se, consumou-se a dissolução de uma das mais belas e promissoras assembléias de chefes indígenas de que se tem notícia no Território Nacional.

SEM VOZ E SEM VEZ

"Por tudo isso, o Cimi levanta seu enérgico protesto em nome da Igreja Missionária, e em nome também dos índios Makuxi, Wapixana e Taurepang, aos quais a Funai, exorbitando sua função de tutora, retirou a voz e a vez, condições mínimas para que eles possam, um dia, integrar-se com dignidade à comunhão nacional.

"Acreditamos, porém, na força dos fatos, na sabedoria dos incultos, na mecha que ainda está fumegante. Este acontecimento, embora atingindo profundamente a estes índios, estimulou os mais lúcidos dentre eles a se apoiarem mutuamente por meio do prosseguimento destes encontros, que constituem a única saída para que eles se tornem sujeitos, autores e destinatários da própria libertação.



Um dos oradores fala durante a assembléia indígena dissolvida pela Funai.

Ismarth diz que a reunião era ilegal

BRASILIA (Sucursal) — O presidente da Funai, general Ismarth de Oliveira, declarou, ontem, que a reunião de chefes indígenas das tribos Makuxi, Wapixana e Taurepang, foi dissolvida por ser ilegal, uma vez que nenhuma autorização fora solicitada para sua realização.

As declarações foram feitas em função da nota oficial em que o Conselho Indigenista Missionário critica a sua atitude, tachando-a de "intervenção ameaçadora e policial".

"APLAUSOS"

Dizendo que a Funai não fora informada da reunião dos índios e que por isso impediu o seu prosseguimento, o general Ismarth garantiu que a ação foi realizada em paz e que os índios, depois de ouvirem as razões expostas pelo delegado do órgão de Roraima, José Carlos Alves, "o aplaudiram, inclusive".

— "Eles" — disse, referindo-se aos padres do Cimi — que cuidem de suas missões e não fiquem por aí arrebanhando índios para fazer reuniões. Toda e qualquer outra que tentem fazer sem a nossa prévia autorização será igualmente dissolvida." Frisou, em seguida, que tudo foi feito "sem violência e na base do diálogo", conforme suas recomendações. Informou, ainda, que "os padres sabem muito bem que qualquer coisa que se queira fazer em áreas indígenas sob o controle da Funai, seja qual for a sua finalidade, tem que ter a autorização do órgão. E concluiu: "A única recíproca verdadeira é que Cimi fique longe dos índios e que os índios não participem de reuniões promovidas pelo Cimi, porque serão impedidos".